

## **SEM EDUCAÇÃO, O FUTURO ESTÁ AMEAÇADO**

*Wenceslau Goncalves Neto*<sup>1</sup>  
(entrevistado)

*Tiago Mendes de Oliveira*<sup>2</sup> e  
*Gilson Luiz Rodrigues Souza*<sup>3</sup>  
(entrevistadores)

### **1) Fale um pouco sobre você, sobre sua formação e por que optou pela área da educação.**

Minha opção pela educação vem desde o ensino médio, quando cursei a escola normal, alternativa hoje inexistente. Até a edição da Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1971, Lei 5692/71, o que entendemos atualmente no Brasil por educação básica estava dividida nos níveis primário e secundário. Sendo o primeiro de 4 anos (curso primário) e o segundo de 7 anos, dividido entre 4 anos de curso ginásial e 3 de cursos voltados à preparação para os cursos superiores, como científico (direcionado às áreas de biomédicas e exatas) ou clássico (para as ciências humanas), além dos cursos profissionalizantes, entre os quais se poderia incluir o curso normal, que preparava os professores que iriam atuar no curso primário. Após 1971, a estrutura do ensino foi modificada, extinguindo-se o curso primário, que foi juntado ao curso ginásial, compondo o ensino de primeiro grau. O secundário passou a ser denominado ensino de segundo

grau. Frequentei a Escola Normal Dr. Hermenegildo de Moraes, em Morrinhos-GO, entre 1970 e 1972, tornando-me professor primário, embora nunca tenha exercido essa atividade. Na graduação, minha escolha continuou pela educação, tendo cursado História na Pontifícia Universidade Católica de Campinas, entre 1973 e 1976. Durante esse período de formação foram consolidados os conteúdos, métodos e práticas voltados para o ensino e também a crença no poder da educação para se promover mudanças na sociedade brasileira. Finalizada a licenciatura, tive curta passagem (apenas alguns meses) pelo ensino de segundo grau, pois já em março de 1977 iniciei minha carreira no ensino superior, como professor de Metodologia Científica na Faculdade de Educação, Ciências e Letras de Mogi Mirim-SP. No ano seguinte, fui aceito no mestrado em História da Universidade de Campinas (UNICAMP) e também fui contratado pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), onde permaneci por cerca de 34 anos, aposentando-me como Professor Titular do Instituto de História em agosto de 2011. Terminei o mestrado na Unicamp em 1983 e iniciei o doutorado em História na Universidade de São Paulo (USP) em 1986, finalizando em 1991. Ainda nesse aspecto formativo, fiz um estágio pós-doutoral entre julho de 2005 e agosto de 2006 na Universidade de Lisboa, Portugal, no campo

<p>Folha Acadêmica do CESG ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XVI set-dez 2017</p>	<p>Trabalho 01 Páginas 01-07</p>
<p><a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</a></p>	<p><a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a></p>	

da História da Educação. Durante meu período como professor da UFU, além das atividades como docente do curso de História, também trabalhei por anos seguidos no curso de Pedagogia, aproximando meus interesses de pesquisa com a área de educação, canalizando meus esforços investigativos, a partir de 1993, para o campo da História da Educação, no qual permaneço até os dias de hoje. Nesse meio tempo, participei dos processos de discussão e criação dos programas de pós-graduação em Educação e em História da UFU. Ainda continuo como professor colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFU. Após a aposentadoria, trabalhei no segundo semestre de 2011 na UNIPAC-Araguari e, ainda em dezembro desse ano, ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Uberaba (UNIUBE), onde continuo atuando. Minhas pesquisas estão voltadas para a organização da instrução pública em Minas Gerais, entre 1889 e 1930, na chamada Primeira República. Ocupei diversos cargos na UFU, como Coordenador do Centro de Documentação e Pesquisa em História, Chefe de Departamento, Diretor de Instituto, Diretor de Pesquisa, Diretor de Pós-Graduação. Fui presidente, por dois mandatos, da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE). Integro o Comitê Assessor da Área de Educação (CA-

ED), do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), com mandato entre outubro de 2015 e agosto de 2018 e também a Câmara de Ciências Humanas, Sociais e Educação, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), com mandato entre março de 2016 a março de 2019.

**2) No século XXI, o governo baixou diversos documentos legais para a área de educação: diretrizes curriculares, planos de educação e, mais recente, uma base curricular nacional. Entretanto, a educação brasileira continua com problemas históricos. A que você atribui a dificuldade em implementar melhorias na nossa educação?**

A rigor, penso ser difícil pensarmos num sistema educacional “estável”, não sujeito a mudanças, sejam elas motivadas por interesses do governo ou de grupos específicos. Como a sociedade está em constante mutação, a educação, como parte desse todo, também sofrerá as consequências das ondas transformadoras, que podem ser originadas por debates ou desafios internos ou de âmbito internacional ou, ainda, por uma mistura de ambos. O certo é que a educação, como setor que participa tanto do processo de reprodução da sociedade, ao transmitir às novas gerações

<p>Folha Acadêmica do CESH  ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online)  Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XVI  set-dez 2017</p>	<p>Trabalho 01  Páginas 01-07</p>
<p><a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</a></p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	

conhecimentos, valores, atitudes, etc como também da produção da nova sociedade que se reinventa ao longo do tempo, não tem como se isolar, ficar à parte dos acontecimentos. Essa é uma dinâmica que atinge todos os países e que deve ter a participação, a reflexão das diferentes gerações de educadores que se formam e atuam nesse processo. O problema no Brasil, mas não apenas nele, está relacionado à qualidade da escola que oferecemos às nossas crianças, uma vez que hoje em dia praticamente não temos mais um déficit escolar em termos de oferta global de vagas, apesar de ainda ocorrerem desequilíbrios entre locais/regiões onde faltam vagas e sobram alunos e outros em que faltam alunos e sobram vagas. O desafio que se nos apresenta nos dias atuais está na aprendizagem que, pelos processos avaliativos, nacionais e internacionais, por que passam nossos alunos, tem apresentado resultados insatisfatórios. E isso afeta tanto os aspectos individuais, em termos de formação para a sociabilidade, para a cidadania, como para o enfrentamento da vida profissional. O que acarreta transtornos na vida política, econômica, cultural, social etc. As mudanças visam encontrar caminhos que nos permitam superar ou, pelo menos, diminuir os desníveis acumulados historicamente. Nosso desafio é também preocupante por não termos ainda superado

sequer o patamar mínimo do campo educacional, que é a eliminação do analfabetismo. Ainda que o presente nos assuste a cada ano, quando saem os resultados dos exames avaliativos, temos percebido que tem aumentado o grau de responsabilização por parte das escolas e dos docentes, bem como o grau de conscientização da sociedade de que sem avanços na educação tanto as novas gerações como o País encontram-se ameaçados em seu futuro. O caminho a ser seguido precisa surgir do debate franco no interior da sociedade, do comprometimento do congresso nacional e dos governos que assumem a condução do País, independentemente de opções partidárias. Ou seja, precisamos de atitudes profissionais no campo da educação. Enquanto deixarmos essas decisões nas mãos de amadores ou de pessoas que não vivem ou conhecem os problemas da educação e as alternativas para sua superação, continuaremos “patinando” no processo de formação das novas gerações.

<p>Folha Acadêmica do CESG ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XVI set-dez 2017</p>	<p>Trabalho 01 Páginas 01-07</p>
<p><a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</a></p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	

**3) Muito tem se falado em educação a distância e no uso de mídias e novas tecnologias, ora como “salvação”, ora como “perdição”. Qual o papel da educadora e do educador neste cenário.**

É um pouco difícil falar sobre a educação a distância, pois nunca me envolvi diretamente com essa modalidade de ensino. No entanto, todos os professores foram atingidos por ela, já que não trabalhamos mais sem o concurso da internet, dos computadores, dos periódicos, livros e pesquisas disponíveis *on line*, dos aplicativos que diminuem ou eliminam a distância entre os alunos e os demais agentes responsáveis pela educação etc. No entanto, as possibilidades abertas por esses avanços não podem e nem devem ser vistas como “salvação” ou “perdição”, são decorrências do desenvolvimento tecnológico que marca nossa sociedade – hoje numa velocidade inconcebível há algumas décadas. E isso leva a que os educadores de hoje sejam obrigados a substituir muito do instrumental e das técnicas do passado, ajustando-se às necessidades e possibilidades do presente. É uma realidade que, muitas vezes, assusta mas, ao mesmo tempo, permite vislumbrar sensíveis avanços tanto para a educação como a vida pessoal ou profissional. O grande desafio é a transição. Descobrir os caminhos para se passar de uma fase para

outra: como conciliar interesses, como propiciar aos professores as condições e o tempo para se atualizarem, como avaliar se os novos métodos/técnicas são eficientes etc. Mas esses desafios não se colocam apenas para a área da educação. Estão presentes em todos os setores da vida social. A preocupação maior com a educação se dá por conta de ser a partir dela – talvez já mais do que da família – que se configuram os demais aspectos da vida do homem na sociedade.

**4) Qual a importância da formação continuada em nossa profissão?**

A formação continuada é inerente ao trabalho do educador. Não existe educador “formado” ou que possa continuar com suas práticas por anos a fio sem colocar em risco os resultados de seu trabalho. Aliás, essa é uma responsabilidade que afeta também outros setores, onde também se exige atualização constante. Basta pensar nos campos da informática, da comunicação, da organização do trabalho, da legislação etc. Essa preocupação com a educação continuada pode ser relacionada também à nossa busca por níveis de conhecimento cada vez mais elevados desde que desenvolvemos nossa inteligência como humanos. A curiosidade, portanto, tornou-se incontrolável, a ponto de já há séculos nos

<p>Folha Acadêmica do CESG ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XVI set-dez 2017</p>	<p>Trabalho 01 Páginas 01-07</p>
<p><a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</a></p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	

preocuparmos com limites éticos para o avanço das pesquisas. Nosso destino é a busca do novo, o enfrentamento das dúvidas, a procura por certezas, uma vez que, exatamente por causa de nossa inteligência, a angústia frente ao desconhecido nos incomoda contínua e profundamente. Nesse sentido, para além das políticas públicas voltadas para a formação continuada e dos estímulos que as acompanham, acredito que esse desejo pelo conhecimento novo já faça parte da própria natureza dos seres humanos.

**5) Em alguns países da Europa, os/as professores/as da educação básica possuem doutorado; no Brasil temos dificuldade em garantir educadores/as com licenciatura, e, mesmo na educação superior, o número de doutores/as é pequeno. Qual o impacto desta realidade na qualidade da educação brasileira?**

Na Europa, as condições e a história das sociedades e da educação em particular são bem diferentes do que temos no Brasil, ainda que tenhamos nos espelhado principalmente nos seus processos (e dos Estados Unidos da América) para a implementação do nosso sistema de ensino. Atualmente, a educação superior na Europa é orientada pelo protocolo de Bolonha (1999) que encaminha, entre outras coisas, para o

atrelamento entre a graduação e o mestrado, que tomou caráter profissionalizante. Isso possibilita que os professores, já nos primeiros anos de trabalho, sejam portadores de título de mestre e os estimula à continuidade dos estudos, mesmo que permaneçam como professores dos níveis iniciais. Como os salários não são muito diferentes e as condições de trabalho adequadas, não existem as motivações comuns na educação brasileira para que os docentes aspirem alcançar e permanecer no ensino superior. Também conspira contra o aumento de professores titulados como mestres e doutores no Brasil – mesmo no ensino superior – a nossa legislação, que não estabelece patamares significativos de exigência desses títulos nas Instituições de Ensino Superior ou as dificuldades para a entrada e permanência dos profissionais nos programas de pós-graduação. Dificuldades relacionadas à falta de cultura científica na graduação, que direcione o profissional para a pesquisa; à qualidade das faculdades, formando profissionais com defasagens nos conteúdos e mesmo no domínio dos requisitos básicos da língua portuguesa; como decorrência desses dois problemas, dificuldade para elaborar projetos de pesquisa e superar as barreiras do processo seletivo dos programas de pós-graduação; oferta insuficiente de número de vagas nos programas de pós-graduação; falta de

<p>Folha Acadêmica do CESG ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XVI set-dez 2017</p>	<p>Trabalho 01 Páginas 01-07</p>
<p><a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</a></p>	<p>periodicoscesg@gmail.com</p>	

profissionais com qualificação e experiência no trabalho de orientação das dissertações e teses; dificuldade para arcar com os custos do mestrado ou doutorado, mesmo quando se estuda em universidades públicas; dificuldades para finalizar a pesquisa e elaborar relatório na forma de dissertação ou tese, resultando às vezes em evasão; etc. Como se vê, são muitos os percalços. Além disso, seria necessário também se definir uma política que sinalizasse que tipo de mestrado ou doutorado deveria ser feito pelos profissionais da educação. Algo como, por exemplo, o que está sendo tentado com os mestrados profissionais, já existentes em muitas universidades brasileiras. Ou seja, ao se aproximar os programas de pós-graduação e a realidade brasileira seria possível o surgimento de resultados de pesquisa que atingissem diretamente o “chão” da escola e, conseqüentemente, se poderia melhorar o desempenho da educação nacional.

### **6) Quais as perspectivas para o educador e a educadora na realização de mestrado e doutorado?**

As perspectivas têm mudado. Alguns programas governamentais estão contemplando a preocupação da sociedade e da escola ao abrir mestrados profissionais em rede em diversas áreas, como matemática,

língua, história, etc, conhecidos como “profs”, tais como Profmat, Profletras, entre outros. Além disso, a abertura de diversos programas de mestrado profissional nas universidades abre espaço para outras áreas ou busca de soluções específicas de escolas, disciplinas etc. Esse é um tipo de mestrado que está em expansão e também procurando definir seu perfil, sua identidade, seu público, sua forma de avaliação etc. Por outro lado, continuam presentes os programas acadêmicos, já conhecidos e consolidados no Brasil nas últimas décadas, que se voltam tanto para problemas do cotidiano da educação e da escola como para o desenvolvimento da pesquisa científica de uma forma geral. Caberá aos professores, às escolas, talvez em conjunto, a definição dos campos de interesse de pesquisa, bem como do estabelecimento por parte dos responsáveis pela educação dos estímulos, da criação de condições de trabalho e outros elementos necessários para a consecução de uma pesquisa de mestrado ou doutorado. De qualquer forma, deve ser observado que a pós-graduação no Brasil tem se ampliado continuamente, principalmente a partir da década de 1990.

<p>Folha Acadêmica do CESG ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XVI set-dez 2017</p>	<p>Trabalho 01 Páginas 01-07</p>
<p><a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</a></p>	<p><a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a></p>	

**7) Por fim, que conselho você daria aos/as estudantes que estão começando uma licenciatura ou desejam ser educadores/as.**

Que prossigam em seus estudos ou em suas intenções. Como já observei anteriormente, sou dos que acreditam que o futuro de um país passa pela educação a que sua população tem acesso. A educação pode não resolver todos os problemas, pode não ser um passaporte garantido para o desenvolvimento, mas dificilmente conseguiremos alcançar o sucesso pessoal ou o desenvolvimento da nação sem que o problema da educação seja superado. E isso remete à importância de termos professores competentes nas salas de aula, o que está atrelado diretamente aos cursos de licenciatura, muito maltratados ou não valorizados entre nós. Precisamos recuperar a credibilidade e a procura por esses cursos. Precisamos formar bons professores. Precisamos oferecer escolas adequadas para uma educação digna. Precisamos garantir as condições essenciais para a manutenção das escolas, inclusive, com salários dignos para os profissionais da educação. Acredito que se resolvermos isso teremos dado um grande passo rumo à solução dos problemas que impedem o desenvolvimento do país e a formação cidadã de nossas crianças.

<sup>1</sup> Currículo:  
<http://lattes.cnpq.br/6258906373771462>.

<sup>2</sup> Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade do Estado de Minas Gerais e graduado em Pedagogia pelo CESG. Técnico da Diretoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Viçosa *Campus* Rio Paranaíba e editor de periódicos científicos no CESG. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/1429155121636329>.

<sup>3</sup> Doutorando em Educação, com bolsa CAPES, e licenciado em Pedagogia pela Universidade de Uberaba, mestre em Turismo e Meio Ambiente pelo Centro Universitário UNA e licenciado em História pelo Centro Universitário Newton Paiva. Professor e coordenador no CESG. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/8435741689596078>.

<p>Folha Acadêmica do CESG ISSN 2358-2839 (impresso) / ISSN 2358-209X (online) Centro de Ensino Superior de São Gotardo</p>	<p>Número XVI set-dez 2017</p>	<p>Trabalho 01 Páginas 01-07</p>
<p><a href="http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica">http://periodicos.cesg.edu.br/index.php/folhaacademica</a></p>	<p><a href="mailto:periodicoscesg@gmail.com">periodicoscesg@gmail.com</a></p>	